



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

LÚCIA DE FÁTIMA DANTAS DE ALMEIDA

BULLYING: “O CRIME DO DESAMOR”
UM OLHAR PARA O CONTEXTO ESCOLAR.

SOUSA-PB
2014

LUCIA DE FÁTIMA DANTAS DE ALMEIDA

**BULLYING: “O CRIME DO DESAMOR”
UM OLHAR PARA O CONTEXTO ESCOLAR.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Janine Vicente Dias

SOUSA – PB

2014

A447b Almeida, Lúcia de Fátima Dantas de
Bullying [manuscrito] : o crime do desamor um olhar
para o contexto escolar / Lúcia de Fátima Dantas de Almeida. -
2014.
44 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Seleção, 2014.

"Orientação: Profa. Dr^a.Janine Vicente Dias, Departamento
de Sociologia".

1. Violência escolar 2. Bullying. 3. Cyberbullying I. Título.

21. ed. CDD 371.5

LÚCIA DE FÁTIMA DANTAS DE ALMEIDA

**BULLYNG - O CRIME DO DESAMOR: UM OLHAR PARA O
CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

Janine Vicente Dias

Profª. MSc. Janine Vicente Dias

Orientadora

Alice Rodrigues Sobreira

Profª. Dra. Alice Rodrigues Sobreira

Examinadora

Ariane Benício

Profª. MSc. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto

“ O *bullying* é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos.”

Gabriel Chalita

DEDICATÓRIA

A Deus, quem em sua plenitude guia meus caminhos me proporcionando saúde, sabedoria e disposição para enfrentar todos os obstáculos presente na árdua caminhada.

Aos educadores e educandos da Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz que se colocaram a disposição durante toda a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À administração da Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz, pelo apoio em todas as atividades de campo desenvolvidas no âmbito da escola.

Aos nossos educandos que se prestaram bastante cordiais e verdadeiros no decorrer da nossa pesquisa.

A todo corpo docente, que ao ser informado e incentivado para participar da pesquisa tornaram-se parceiros nas discussões sobre as implicações do fenômeno *Bullying*, contribuindo na definição de estratégias a serem utilizadas durante o processo de divulgação e sensibilização dos educandos.

RESUMO

Este trabalho monográfico é resultado de um estudo bibliográfico e de campo sobre a violência escolar com ênfase ao *bullying*, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz com turmas de 1º ano, 2º ano e 3º ano. Utilizou-se de entrevistas feitas com educadores e educandos por meio de amostragem para coleta de informações a cerca do fenômeno *bullying* na escola, ao mesmo tempo em que, se investigou a ocorrência do *cyberbullying* entre os educandos das turmas de ensino médio. Nos capítulos iniciais o trabalho fundamenta-se na teoria sobre *bullying*, onde são apresentadas questões conceituais, *bullying* – panorama mundial e a caracterização do *bullying* na sala de aula. Um capítulo especial trata do *cyberbullying*, considerado uma nova modalidade de *bullying*, onde através da pesquisa pudemos direcionar o olhar específico para a sala de aula, especificamente em turmas do ensino médio.

PALAVRAS - CHAVE: Violência escolar; Bullying; Cyberbullying.

ABSTRACT

This monograph is the result of a literature study and field on school violence with emphasis on *bullying* , developed at the State High School, Colonel Jacob William Frantz with groups of 1st year , 2nd year and 3rd year . We used interviews with educators and learners by using sampling to collect information about the phenomenon of bullying in school at the same time , we investigated the occurrence of *cyberbullying* among students of classes in high school . In the opening chapters the work is based on the theory of *bullying* , where conceptual issues , bullying is presented - the world scene and characterization of bullying in the classroom . A special chapter deals with *cyberbullying* , considered a new form of *bullying* , which through research could target the specific look for the classroom , specifically in high school classes .

KEYWORDS : School violence ; bullying ; Cyberbullying .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. BULLYING – QUESTÕES CONCEITUAIS.....	14
2. BULLYING – PANORAMA MUNDIAL	17
3. CARACTERIZAÇÃO DO <i>BULLYING</i> EM SALA DE AULA	21
3.1 Fatores que favorecem o desenvolvimento do Bullying	22
3.2 Motivação do Bullying	23
3.3 Consequências da vitimização do Bullying.....	24
3.4 Os personagens do Bullying.....	25
4. CYBERBULLYING: uma nova modalidade de <i>bullying</i>	27
4.1 O fenômeno Cyberbullying.....	31
5. METODOLOGIA	33
5.1 O trabalho de pesquisa na escola laboratório.....	33
5.2 Caracterização da escola pesquisada.....	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
8. ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, muito se tem dito sobre o fenômeno bullying. Livros foram traduzidos e publicados, dissertações e teses sobre o tema já foram defendidas ou estão em curso. Há abundância de informação na internet e, com maior frequência, passamos a ver o tema na mídia. Além disso, projetos de lei vêm sendo aprovados em diversos estados, objetivando a prevenção desse fenômeno.

O Cyberbullying é uma prática que remete a hostilização do próximo por meio de tecnologias da informação. Envolve o fortalecimento de comportamentos nocivos, maldosos e repetidos contra uma pessoa. É ridicularizar alunos, professores, amigos e desconhecidos perante a sociedade virtual. Pelo celular é praticado por meio de torpedos; na internet os praticantes de cyberbullying atuam via e-mail, blog, fotologs e redes sociais.

Culturalmente, o *bullying* já existe há muito tempo, mas era entendido como fato normal na idade dos estudantes. A palavra vem do adjetivo *bully*, que, em inglês, significa valentão. Quem é mais forte tiraniza, ameaça, oprime, amedronta e intimida os mais fracos. Na escola, essa atitude pode ter resultados drásticos, porque leva a vítima, muitas vezes, ao isolamento e até ao abandono. O *bullying* agride a alma do indivíduo, apequena-o pelo medo ou pela vergonha, pela dor física ou moral.

Com a entrada das novas tecnologias da informação na escola, interferindo na aula dos professores e influenciando aos alunos de forma a envolvê-los, transformando seu modo de conhecer, pensar, agir e estar no mundo, passamos a conviver com mais um desafio que é resolver conflitos gerados a partir do mau uso dos meios eletrônicos, pois, as juventudes em meio essa tsunami de informações passa a utilizar as redes sociais como prática intimidatória e até agressiva, caracterizando uma nona forma de bullying, só que desta vez de maneira virtual e perversa.

Sabemos que o termo “*bullying*” designa uma ação de violência física, psicológica e de perseguição hostil contra uma pessoa, é uma prática muito comum nas escolas. O termo “cyber”, popularmente, refere-se ao uso virtual de meios digitais como a internet. Associando os significados, o “*cyberbullying*” é praticar *bullying* pela internet, celular e demais dispositivos tecnológicos. É ridicularizar alunos, professores, amigos e desconhecidos perante a sociedade virtual. Pelo celular é praticado por meio de torpedos; na internet os praticantes de *cyberbullying* atuam via e-mail, blog, fotologs e redes sociais.

A prática reúne ações de discriminação não identificadas, porém a legislação do crime da internet possibilita a quebra de sigilo de tráfego da internet e o praticante de *cyberbullying* pode ser descoberto.

Entre as mídias sociais, as mais populares são o principal local para o *cyberbullying*. Já é comum encontrar ultrajes no Orkut, no Facebook, no Twitter, no youtube e torpedos via celulares.

Esse problema tem sido discutido em nível mundial não somente pelas autoridades, mas também pelas famílias dos jovens e professores. E, como na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz já foi registrado um caso de *cyberbullying* é que resolvi desenvolver esta pesquisa e ao mesmo tempo colocar em discussão o tema com objetivo de minimizar este tipo de comportamento por parte dos nossos educandos. Sabemos que é grande o número de usuários de equipamentos eletrônicos na sala de aula, mesmo sendo proibido por lei o uso de celulares, os nossos jovens desafiam as regras e fazem uso dessa parafernália tecnológica e, com o uso dos tablets na sala de aula aumentou cada vez mais a nossa preocupação quanto ao uso indevido dessa ferramenta.

No atual contexto social, marcado por novas manifestações de violência simbólica na rede, temos o novo fenômeno *cyberbullying*, através do qual muitos usuários se aproveitam da falsa sensação de anonimato para praticar agressões ou intimidação por intermédio de mensagens veiculadas nos meios digitais.

Infelizmente os meios tecnológicos que, a priori, seriam para melhorar e facilitar a vida das pessoas em todas as áreas estão sendo utilizados para menosprezar e insultar outras pessoas. Não existe um tipo de pessoa específica para ser motivo de insultos, sendo que a invasão do e-mail ou a exposição de uma foto já é o bastante. Em relação a colegas de escola e professores, as difamações são intencionadas e visam mexer com o psicológico da pessoa, deixando-a abatida e desmoralizada perante os demais.

As pessoas que praticam o *cyberbullying* são normalmente adolescentes sem limites, insensíveis e com baixo repertório de valores humanos. Apesar de gostarem da sensação que é causada ao destruir outra pessoa, os praticantes podem ser processados por calúnia e difamação, sendo obrigados a disponibilizar uma considerável indenização.

O presente trabalho contribui com a escola de forma significativa, pois põe em discussão uma temática de grande interesse para os nossos jovens, ao mesmo tempo em que contribui com os educadores na medida em que os orienta na tomada de decisões acerca do fenômeno em sala de aula.

A escolha do tema recaiu no fato de que na nossa escola os educandos fazem uso de equipamentos tecnológicos variados e com a chegada dos tablets na sala de aula aumentou o conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que são adotados por um ou mais educandos contra outros colegas via facebook, youtube, blog, entre outros.

O lócus da pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz, onde através de instrumentos de coleta de dados, foram entrevistados educadores e educandos, dos três anos (1º, 2º e 3º) de ensino médio por meio de amostragem.

Além do fenômeno bullying presente nas nossas escolas, gestores, educadores e pais se veem diante o grande desafio que é minimizar esses comportamentos agressivos via rede mundial de computadores. E com o advento das novas ferramentas tecnológicas o fenômeno ganha proporções cada vez mais assustadoras e requer dos atores educacionais políticas e ações voltadas ao combate da violência no ambiente escolar. Como minimizar a prática do cyberbullying no ambiente escolar, em especial na escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz, localizada no município de São João do Rio do Peixe, Paraíba?

Através da pesquisa busca-se minimizar comportamentos inadequados, tais como: apelidos, mensagens, vídeos, entre outros, produzidos através das mídias e redes sociais, buscando o trabalho de orientação dos educandos sobre a responsabilidade e o envolvimento de cada um no processo de aprimorar os relacionamentos intra e interpessoal.

Outros objetivos foram planejados para serem alcançados, entre eles: promover o esclarecimento sobre o Bullying e os danos físicos e/ou morais que pode causar às vítimas dessa prática; estimular debates sobre a prática do cyberbullying, sobretudo as pessoas que fazem parte de grupos minoritários; promover reflexões sobre aceitação, tolerância e diversidade cultural; construir uma proposta de regras de convivência e uso das mídias em sala de aula; refletir sobre a necessidade de desenvolvimento de ações educativas que minimize o cyberbullying na escola; discutir com os educandos os direitos sobre o uso da mídia no ambiente escolar e implantar um programa anti-cyberbullying na escola.

A referente pesquisa contribui com a escola de forma significativa, pois põe em discussão uma temática de grande interesse para os nossos jovens, ao mesmo tempo em que contribuiu com os educadores na medida em que os orienta na tomada de decisões acerca do fenômeno em sala de aula.

CAPÍTULO I

1. BULLYING – QUESTÕES CONCEITUAIS

A palavra *bullying* é de origem inglesa e adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Este termo conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica, nos estudos sobre os problemas da violência escolar. (FANTE, 2005).

Entendemos por *bullying* o comportamento intencional, logo, premeditado, sistematizado, planejado, articulado de forma repetitiva de agressão verbal, psicológica ou física adotada, sobretudo, no âmbito escolar ou externo à escola.

Numa abordagem etimológica a palavra *bullying* “é um verbo derivado do adjetivo inglês *bully*, que significa valentão, tirano.” (CHALITA, 2008 p.81).

A palavra *Bull*, touro, boi, em inglês é adjetivada para *bully*, valentão, que quando substantivada fica *bullying*, aquele que exerce a valentia contra outrem. Por afetar a condição psíquica (estado psicológico) da pessoa no gesto de humilhação moral caracterizado pela agressão verbal gratuita, injustificada e repetida, também é comumente definida como assédio moral. Nessa perspectiva pode ocorrer no âmbito familiar, no âmbito de trabalho, na escola e em quaisquer meios sociais.

E ainda, conforme Melo (apud, CONSTANTINI, 2004), “uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada.”.

Segundo Melo (2010, p.20), “nem toda violência escolar pode ser caracterizada como *bullying*”. Para que a violência atenda à tipologia do *bullying* é necessário que contemple a agressão psicológica, moral ou física; denote a intenção de ferir, intimidar, ofender, discriminar, perseguir ou amedrontar, precisa haver uma sistematização, frequencial nas ações e por fim deixar marcas, sequelas ou consequências para o vitimado.

Ao se observar as brincadeiras dos educandos no intervalo escolar não podemos ser levadas pelas aparências, pela violência no contato físico de determinadas brincadeiras dos meninos a identificar nelas atos de *bullying*. No entanto, no ambiente escolar há algumas formas de violência contextualizada que são fruto das demandas lúdicas dos garotos que gostam de demonstrar que são durões e têm força física bastante peculiares, mas não são necessariamente um estereótipo do fenômeno *bullying*.

Os comportamentos incluídos no *bullying* são bem variados. Comumente identificados na humilhação, isso de palavras ofensivas, difusão de boatos, fofocas, exposição ao ridículo, lamento, ameaças, insultos, ostracismos, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero. (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007).

Segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e à Adolescência), o termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, as executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Ainda de acordo com a Abrapia, por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de *bullying* possíveis, o quadro a seguir relaciona algumas ações que podem estar presentes:

Colocar apelidos	Humilhar	Intimidar	Dominar
Ofender	Fazer sofrer	Perseguir	Agredir
Zoar	Discriminar	Assediar	Chutar
Gozar	Excluir	Aterrorizar	Empurrar
Encarar	Isolar	Amedrontar	Ferir
Sacanear	Ignorar	Tirarizar	Roubar

Fonte: Revista Construir Notícias. Maio/junho 2008

Muitas brincadeiras dos meninos envolvem a imposição da supremacia da força e da hombridade, imposta pela cultura masculina/machista, mas não caracterizam o fenômeno *bullying*, por não haver a intenção deliberada de fazer sofrer; não é uma agressão física ou psicológica já que ambos estão se divertindo; não há uma frequência planejada, sistematizada e não gera consequências para os envolvidos.

Em casa essa supremacia da força é estimulada muito precocemente em brincadeiras envolvendo o contato físico com o pai e os irmãos em disputas de força e habilidade física. Posteriormente essa competição será estendida ao convívio com os outros meninos da vizinhança e finalmente chega à escola já no ensino infantil. Entretanto, excluindo-se os pequenos e eventuais excessos ou acidentes devido ao entusiasmo no calor da brincadeira, não se pode tipificar como uma atitude de *bullying*, para não incorrer na banalização e descaracterização da fenomenologia *bullying*.

Naturalmente isso não ocorre com as meninas, que não adotam brincadeiras envolvendo contato físico de disputa, pois têm uma criação oriunda da cultura arraigada no exercício da sensibilidade e da delicadeza. Cultura essa imposta pelos estereótipos da sociedade e

absorvida pela família no processo educativo familiar com as peculiaridades do gênero feminino. Essa moral educativa feminina está estendida ao meio social e à escola, constituindo parte da diferenciação nas ações que caracterizam o *bullying* praticado pelas meninas, distinto nos aspectos, objetivos, métodos e na prática em relação ao *bullying* que envolve os meninos

CAPÍTULO II

2. BULLYING – PANORAMA MUNDIAL

Dizem que o *bullying* é tão antigo quanto à escola. O *bullying* é, certamente, um fenômeno de grupo – e grupo em desequilíbrio, é claro. Portanto, a afirmativa parece ser acertada. Todavia, mesmo, sendo tão antigo e já tendo sido objeto de preocupação e investigação por ter comprometimento a vida de estudantes, no passado, nada se sabe concretamente sobre *bullying* antes da década de 1970. Foi somente com pesquisas realizadas em 1972 e 1973, na Escandinávia, que as famílias perceberam a seriedade dos problemas decorrentes da violência escolar. A inquietação alastrou-se pela Noruega e Suécia e, posteriormente, por toda a Europa.

Por ser um fenômeno sub-reptício, clandestino, dissimulado, mesmo hoje é quase impossível mensurá-lo em escala global. No entanto, esforços empreendidos por entidades governamentais e sociais de muitos países permitem estimar que até 35% das crianças em idade escolar de todo o mundo estão, de algum modo envolvidas em atos de agressividade e violência na escola.

Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen, na Noruega, foi um dos precursores no estudo da violência no âmbito escolar. Em sua pesquisa, desenvolveu um questionário-padrão, com 25 questões, para facilitar a vida dos entrevistados. Estimulado, porém, pelas curiosas informações que começaram a surgir dos primeiros questionamentos preenchidos, estendeu o tempo de pesquisa e ampliou o número de pessoas ouvidas. Ao final tinha entrevistado 84 mil estudantes de diferentes níveis e períodos escolares, além de 400 professores e mil pais. O material coletado deu-lhe oportunidade de entender a natureza do *bullying*, suas possíveis origens, ocorrências, formas de manifestação, extensão e características. Olweus examinou também o impacto das intervenções, que nessa época já havia começado em algumas escolas da Noruega¹.

1. As informações acima foram retiradas de material de divulgação da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), com patrocínio da Petrobrás.

Segundo Chalita (2008, p. 106):

Atualmente, pesquisas e programas de intervenção contra o *bullying* vêm sendo desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos. As principais conclusões são as seguintes: a maior parte dos alunos entrevistados diz ter sofrido situações de *bullying* na escola; a maioria dos agressores encontra-se na própria sala das vítimas, principalmente nos anos iniciais; os meninos tendem a ser agredidos principalmente por meninos, enquanto as meninas são agredidas por ambos os sexos; os meninos admitem agredir mais do que as meninas; as agressões ocorrem principalmente durante o recreio e na sala de aula; a metade dos alunos entrevistados espera que o professor intervenha nas situações de agressão na sala de aula; entre os alunos que se dizem agredidos, 50% admitem que não informam o ocorrido nem aos professores nem aos responsáveis.

Essa é uma realidade comum na maioria das escolas pesquisadas aqui no Brasil, segundo dados da ABRAPIA, os resultados obtidos em pesquisas com estudantes brasileiros também confirmam que a maioria dos entrevistados sofre intimidação na escola, em especial na sala de aula e nos intervalos e que, os meninos são os principais agressores.

Apesar de não admitirem com a mesma facilidade que os meninos, as meninas também são vítimas e agressoras. A crueldade independe de gênero, como constatou a professora norte-americana Rachel Simmons, da Universidade de Oxford. Ela própria vítima de *bullying* quando criança, e intrigada porque a maioria dos casos europeus registrava apenas o envolvimento de estudantes do sexo masculino, tanto como autores quanto vítimas, mergulharam no tema. Os dados que resultaram de suas pesquisas foram publicados em um livro² sobre agressão praticada pelas meninas, que, segundo ela, não é menos cruel que a dos meninos. No livro, ela revela que até a manifestação de raiva das meninas segue regras e tabus sociais.

E ainda conforme Chalita (2008, p.107), reconhecer o fenômeno *bullying* numa perspectiva mundial significa ampliar os olhares e sensibilizar, para a questão, autoridades educacionais, pais e professores.

Faz-se necessário não apenas o reconhecimento desse retrato cruel. É preciso que autoridades, família e escola se unam no tocante a promover o tocar da alma, a sensibilidade e a tolerância das pessoas. É hora de todos se envolverem na questão, pois o distanciamento só gera uma omissão e descuido que beneficiaram a ação dos agressores.

2. SIMMONS, Rachel. Garotas fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

O *bullying* não é um acontecimento local, mas global, como uma epidemia que cresce e se espalha nos ambientes escolares. No dizer das pesquisadoras Rosário Orrega-Ruiz e Rosário Del Rey, professoras e pesquisadoras do departamento de Psicologia da Universidade de Sevilha, um tipo de vinculação interpessoal claramente perverso, em que uma pessoa é dominante e a outra é dominada; uma controla e a outra é controlada; uma exerce um poder tirano, enquanto a outra deve submeter-se a regras com as quais não concorda e que claramente a prejudicam.

Segundo Melo (2010, p. 26): No Brasil, o estudo do fenômeno *bullying*, está apenas iniciando, tendo chegado por aqui no fim da década de 1990. A literatura brasileira com relação ao *Bullying* ainda é restrita e contamos com reduzido número de pesquisadores acerca da temática.

Com base em trabalhos desenvolvidos nos países europeus, podemos citar as pesquisas desenvolvidas pela professora Marta Canfield e seus colaboradores (1997) em quatro escolas de ensino público, em Santa Maria (RS), e as dos professores Israel Figueira e Carlos Neto (2000-2001) em duas escolas municipais do Rio de Janeiro. (FANTE, 2005). Outro estudo pioneiro no Brasil foi desenvolvido pela educadora Cleo Fante nos anos de 2002 e 2003 em São José do Rio Preto, interior paulista. A pesquisa envolveu cerca de 2 mil alunos em oito escolas das redes pública e particular, e revelou que 49% dos estudantes estavam envolvidos com o *bullying*, assim distribuídos: 22% como vítimas, 15% como agressores e 12% vítimas-agressoras.

A pesquisadora Cleo Fante vem se destacando nas pesquisas do fenômeno *bullying* em escola do sul do Brasil e as suas pesquisas contribuíram para a criação do Programa Educar para a Paz, programa pioneiro no combate ao *bullying* na escola. A Abrapia implantou em 2002 o Programa de Redução de Comportamento Agressivo, envolvendo 5.875 estudantes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, de onze escolas localizadas no Rio de Janeiro. A busca revelou um panorama assustador: dos alunos entrevistados, 40,5% admitiram envolvimento direto em atos de *bullying* naquele ano, sendo 16,95 alvos dos maus-tratos, 10,9% vítimas-autores e 12,7% autores de violência. (CHALITA, 2008). O centro Multidisciplinar de Estudos e Orientações sobre o *Bullying* Escolar (CEMEOBES) acompanha o fenômeno em oito cidades do país e constatou em 2007 uma incidência de *bullying* praticado por crianças e jovens em 45% dos estudantes brasileiros do ensino fundamental. (CHALITA, 2008).

Em 2006, o Instituto SM para a Educação (ISME) apresentou dados de pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. Nesse panorama, os alunos brasileiros, em comparação aos outros, são os que mais sofrem insultos, apanham e são

assediados verbais, física e sexualmente. Por esse motivo, o Brasil foi apontado como campeão em *bullying*. A pesquisa do CEMEOBES de 2007 constatou que o índice de *bullying* no Brasil está acima da média mundial. (FANTE, s/d)

CAPÍTULO III

3. CARACTERIZAÇÃO DO BULLYING EM SALA DE AULA

A caracterização do bullying em sala de aula fundamenta-se nas pesquisas do professor Dan Olweus. Ele realizou uma pesquisa ampla na Noruega, após a imprensa noticiar, em 1982, o suicídio de três adolescentes, com grande probabilidade de serem consequência do bullying que sofriam de seus pares. Sua primeira pesquisa se baseou em um questionário aplicado a todos os alunos da Noruega, com uma participação de 85% da população estudantil do país. Sua amostra constituiu-se de 130 mil alunos, de 830 escolas. No mesmo ano realizou um estudo paralelo usando o mesmo questionário com 17 mil alunos do terceiro ao nono ano, em três cidades da Suécia. Seus estudos indicam que 15% dos alunos noruegueses estavam envolvidos em problemas de bullying, como vítimas ou agressores. Aproximadamente 9% eram vítimas (52 mil alunos) e 7% (41 mil alunos) eram agressores ou bullies. Nove mil alunos (1.6%) eram vítimas e agressores

A educadora Cleo Fante (2005) citando Dan Olweus apresenta a sala de aula como um lugar propício à existência de diversos tipos de conflitos e tensões. Onde há inúmeras outras interações agressivas como forma de diversão ou como forma de autoafirmação. A existência na classe de um agressor em potencial ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos demais, induzindo um comportamento agressivo. O agressor tem a tendência de usar a violência em situações de conflito. Ele se impõe pela força física subjugando os demais. O agressor identifica na sala a vítima pelas características psicológicas de ansiedade, insegurança, passividade, timidez e de aparente fragilidade.

Segundo Melo (2010, p.29):

Para que um comportamento seja caracterizado como *bullying*, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, dificultando a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos.

Conforme o pensamento de Melo é preciso que autoridades, pais e professores fiquem atentos quanto à caracterização do *bullying*, pois como bem coloca o cientista norueguês Dan Olweus, o *bullying* apresenta três termos essenciais: o comportamento é de certa forma agressivo e negativo, sendo executado de maneira repetidamente e ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio entre as partes envolvidas. Portanto, nem toda

forma intimidatória pode ser caracterizada como prática de *bullying*, como muito se percebe nas escolas, em que pais procuram a direção da escola para reclamar que o filho está sofrendo *bullying*. Os pesquisadores definem ainda os comportamentos *bullying* em duas formas: direta e indireta.

O *bullying* direto é a forma mais comum entre os agressores (bullies) masculinos e inclui agressões físicas como bater, chutar, tomar pertences, e verbais, como apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger. Já a agressão social ou *bullying* indireto é a forma mais comum em bullies do sexo feminino e crianças pequenas, e é caracterizada por forçar a vítima ao isolamento social. Esse isolamento é obtido através de uma vasta variedade de técnicas, que incluem: espalhar comentários; recusa em se socializar com a vítima; intimidar outras pessoas que desejam se socializar com a vítima; criticar o modo de vestir ou outros aspectos socialmente significativos (incluindo a etnia da vítima, religião, incapacidades, etc.).

Segundo Middleton-Moz e Zawadski (2007) muito cedo, as crianças são classificadas e confinadas em subgrupos ou panelinhas nas escolas e nos bairros, segundo aparência, interesses ou comportamento: os populares, os atletas, os cabeças, os esquisitos, os estranhos, os CDFs, os retardados, os rejeitados, as bichinhas, os ninguém. Os meninos vivem com medo de não cumprir as regras não ditas do pertencimento: atitude bacana, não demonstrar sentimentos, fazer o tipo valentão ou machão, exercer *bullying* ou ser alvo dele, de ser bom em esportes, não parecer sensível demais ou 'intelectual', ter boa aparência e nunca chorar, nunca pedir ajuda nem parecer ser próximo demais da própria mãe. As meninas são pressionadas para se adequar a uma imagem específica daquilo que significa ser mulher, e sofrem pressão constante para pertencer a um grupo, para ser atraente, usar as roupas certas e depois atrair a atenção dos meninos. As que não se encaixarem na imagem, são tímidas demais para lutar contra as regras ou não encontram um grupo ao qual pertencer, muitas vezes são alvos de bullies.

3.1 FATORES QUE FAVORECEM O DESENVOLVIMENTO DO BULLYING

Conforme Melo (apud FANTE, 2005), as configurações culturais, familiares e sociais, associadas ao despreparo de profissionais e instituições, estão na raiz do problema.

- Atitudes culturais, como desrespeito, a intolerância, a desconsideração ao 'diferente'.
- Hierarquização nas relações de poder estabelecidas em detrimento da fraqueza dos outros.

- Desejo de popularidade, de manutenção do status a qualquer preço.
- Reprodução do comportamento abusivo como dinâmica psicossocial expansiva.
- Falta de habilidades de defesa, submissão, passividade, silêncio e sofrimento das vítimas.
- Convivência e incentivo às ações cada vez mais cruéis e desumanizadas daqueles que assistem.
- Violência doméstica, ausência de limites, permissividade familiar, falta de exemplos positivos.
- Omissão, despreparo, falta de interesse e comprometimento de muitos profissionais e instituições escolares.
- Impunidade, descaso e falta de investimentos e políticas públicas voltadas à educação e à saúde para o tratamento e prevenção, entre outros.

3.2 MOTIVAÇÃO DO BULLYING

Segundo o Dr. Aramis Lopes Neto, coordenador do primeiro estudo feito no Brasil a respeito do *bullying* os motivos que levam a esse tipo de violência são extremamente variados e estão relacionados com experiências que cada aluno tem em sua família e/ou comunidade: “Famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade, em que a violência doméstica é real ou em que a criança representa o papel de bode expiatório para todas as dificuldades e mazelas são as fontes mais comuns de autores ou alvos de *bullying*.”

O fenômeno *bullying* não constitui apenas um problema das escolas públicas. De onze escolas avaliadas na pesquisa da Aprapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência), nove eram públicas e duas particulares. Não houve diferenças quanto à incidência de *bullying*. O que se observou foi a forma como ele é praticado o que varia de uma escola para outra. Nas particulares, por exemplo, valorizam-se muito os bens materiais, como carro, tênis importado, etc. Nessas instituições, não possuir algum desses bens pode ser motivo para perseguições. Já nas escolas públicas, a principal razão é a própria violência vivenciada cotidianamente pela comunidade.

Para a socióloga Miriam Abramovay (Vice-coordenadora do Observatório de Violência nas Escolas – Brasil), essa é uma comparação difícil de ser feita. “Se você me perguntar onde existe mais intimidação, ou *bullying*, se na escola pública ou privada, responderei que não tenho ideia. No entanto, com relação à violência, é evidente que ela ocorre com mais força no lugar onde há menos condições de controle. E, na verdade, a escola privada tem muito mais

condições de controlar aquilo que está acontecendo dentro de seus muros, com ela mesma ou com seus alunos. E os pais que têm filhos em escolas privadas podem entrar lá e intervir. Os alunos podem voltar para casa e discutir o problema com eles, e os pais, por sua vez, têm a possibilidade de ir á escola reclamar, mudar o filho de horário, de colégio, etc. Já em escola pública isso jamais vai acontecer. Se sua mãe for reclamar, os diretores e os professores não vão dar bola”, afirma.

3.3 CONSEQUÊNCIAS DA VITIMIZAÇÃO DO BULLYING

Segundo Melo (2010, p.34):

O *bullying* traz graves consequências e abrangentes. Para as vítimas, promove, no âmbito, cognitivo, o desinteresse pelos estudos, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento intelectual, o absenteísmos, a reprovação e a evasão escolar.

De acordo do às palavras de Melo (2010) percebe-se o quanto o fenômeno *bullying* é prejudicial no âmbito escolar, pois, traz consequências desastrosas no tocante a aprendizagem. Além de problemas no aprendizado e cotidiano escolar, o *bullying* também afeta a saúde, pois provoca queda da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, como cefaleia, tontura, náuseas, ânsia de vômitos, dores epigástricas, diarreias, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão e dores musculares, excesso de insônia, pesadelos, perda ou aumento do apetite, dores generalizadas, entre outros. Podem surgie também doenças de causas psicossomáticas, como gastrite, úlceras, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade, além de comprometimento de órgãos e sistemas.

Vale salientar que, o comportamento *bullying* não poupa nenhum dos envolvidos, ou seja, em maior o menor escala todos sofrem as consequências. É o que coloca o pesquisador Josivaldo Melo: “Nos agressores as consequências podem vitimizá-los no futuro de acordo com o rumo que a sua vida tomar”

Todos os envolvidos podem comprometer sua vida profissional, pessoal ou familiar no futuro. E a capacidade de superar traumas ou sequelas físicas é proporcional à estrutura psicológica de cada um.

Lopes Neto e Saavedra citados por Fante (2005) informam que a superação dos traumas causados pelo fenômeno possa ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada vítima, bem como da sua habilidade de se relacionar consigo mesmo, com o meio social e, sobretudo, com a família. A não superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante

orientará inconscientemente o seu comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto-superação.

Isso afetará o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e de sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldade de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas. Poderá também desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrer ou praticar *bullying* no seu local de trabalho, em fases posteriores de sua vida. Segundo estudos realizados pelo professor Olweus, é grande a relação entre o *bullying* e a criminalidade.

3.4 OS PERSONAGENS DO BULLYING

De acordo com Melo (2010 p, 34) são vários os personagens que atuam no comportamento *bullying*. Faz-se necessário identificá-los nas suas especificidades para melhor compreender as nuances atitudinais e suas implicações.

A pesquisadora Cleo Fante (2005) sintetiza o trabalho de outros estudiosos no que se refere a identificação e classificação dos personagens envolvidos no fenômeno *bullying*. Para a pesquisadora podemos classificar e descrever os personagens da seguinte maneira:

Vítima típica - Aquela que serve de bode expiatório para um grupo. À vítima típica é um indivíduo (ou grupo) geralmente pouco sociável, que sofre as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais. Suas características mais comuns são: aspecto físico mais frágil que o de seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou ser fisicamente ineficaz nos esportes ou brigas, sobretudo, no caso dos meninos; coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Em muitos casos, relaciona-se melhor com pessoas adultas do que com seus companheiros. A vítima típica sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é 'presa fácil' para os seus abusos.

Vítima provocadora - Aquela que provoca e atrai reações agressiva contra as quais não consegue lidar com eficiência. A vítima provocadora possui um 'gênio ruim', tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente, de maneira ineficaz; pode ser

hiperativa, in quieta, dispersiva e ofensora; é de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

Vítima agressora - Aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. A vítima agressora é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos. Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o *bullying* se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

Agressor - Aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor, de ambos os sexos, costuma ser o indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é menino de família desestruturada, que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos.

CAPÍTULO IV

4. CYBERBULLYING: UMA NOVA MODALIDADE DE BULLYING

O surgimento e o desenvolvimento cada vez mais rápido e intenso das novas tecnologias da informação, com seus recursos, suas habilidades e suas funções cada vez maiores e mais diferentes, em nosso mundo, fazem com que a vida das pessoas esteja totalmente envolvida por eles, criando crescentes relações de dependência. No espaço escolar, isso não é diferente. As novas tecnologias da informação entram na escola, interferindo na aula dos professores e influenciando os alunos de forma a envolvê-los, transformando seu modo de conhecer, pensar, agir e estar no mundo.

Desse modo, a rapidez extrema com que acontecem as mudanças na sociedade contemporânea acaba por afetar os comportamentos e estilos de vida, fortemente enraizados nas relações sociais e culturais. Essa nova forma de viver estimula o relativismo radical, desencadeando novas situações problemáticas, entre elas o surgimento da violência gratuita, que afeta diretamente a convivência social.

Bastam alguns minutos em um jogo de ação online para perceber que você está em um mundo totalmente diferente. Jogos como "Counter-Strike", que oferecem recursos de comunicação por voz, permitem que você escute adolescente gritando palavrões. Mas xingamentos em videogames não é o único exemplo de mau comportamento na Internet. Existe uma nova epidemia, generalizada, conhecida como cyberbullying. Uma pesquisa da Pew Research, divulgada pela CNN.com informou, em 2007, que 32% dos adolescentes tinham sido vítimas do cyberbullying.

Cyberbullying é um tipo de violência contra uma pessoa praticada através da internet ou de outras tecnologias relacionadas. Praticar cyberbullying significa usar o espaço virtual para intimidar e hostilizar uma pessoa (colega de escola, professores, ou mesmo pessoas desconhecidas), difamando, insultando ou atacando covardemente.

O termo é formado a partir da junção das palavras “cyber”, termo associado a todo o tipo de comunicação virtual usando mídias digitais, como a internet e bullying que é o ato de intimidar ou humilhar uma pessoa. Assim, a pessoa que comete esse tipo de ato é conhecida como cyberbully. Quando o bullying é presencial, a pessoa é agredida psicologicamente, através de apelidos pejorativos ou outros constrangimentos, ou ainda, através de agressões físicas por um atacante mais forte.

O cyberbullying é mais fácil para os agressores, porque podem fazê-lo de forma anônima nas diversas redes sociais, através de e-mails ou de torpedos com conteúdos ofensivos e caluniosos.

Por meio de leis anti-cyberbullying que atualmente vigoram, os agressores anônimos podem ser descobertos e processados por calúnia e difamação, sendo obrigados a indenizar a vítima. Em geral, o cyberbullying é praticado entre adolescentes, mas também ocorre com frequência entre adultos. Em casos extremos, algumas vítimas de cyberbullying são atacadas de uma forma tão agressiva que são levadas a cometer suicídio. Muitos desses casos começam quando fotos ou vídeos íntimos das vítimas são introduzidos na internet.

A stopcyberbullying.org define o cyberbullying como "o ataque de uma pessoa a outra com o uso de tecnologias interativas", que podem incluir jogos online, e-mails, telefones celulares, mensagens de texto e outros dispositivos eletrônicos. O cyberbullying inclui ameaças de morte, envio de vírus, acesso a contas de e-mail, interrupção da participação de uma pessoa em um jogo online, constrangimento intencional de alguém entre seus colegas, além de muitas outras ações.

O cyberbullying possui muitos termos associados e merece que façamos uma análise de alguns dos mais importantes. Provocação é quando alguém envia intencionalmente mensagens hostis a grupos de discussões. Perturbação, uma das formas mais comuns de cyberbullying, é o ato de incomodar outro participante dentro de um jogo online. A perturbação tem muitas manifestações diferentes, algumas com nomes específicos. Por exemplo, roubo de presas: sempre atacar os monstros que outro jogador está tentando matar, frustrando suas tentativas de avançar no jogo.

As atitudes do cyberbullying variam muito de acordo com conteúdo e efeito, mas podem ser genuinamente traumáticas, especialmente em mundos bastante realistas que misturam fantasia e realidade. E, se um jogador online investiu centenas ou milhares de horas no seu avatar (representação própria na Internet), sinal ou posição online no universo do jogo, pode haver uma ligação emocional significativa em jogo. Por outro lado, postar histórias e fotos constrangedoras em um site de rede social acessado por uma escola inteira pode acabar com um estudante. O cyberbullying geralmente leva a conflitos físicos reais, assim como a sentimentos de depressão, desespero e perda.

Especialistas afirmam que a Internet facilita ainda mais o mau comportamento ou o comportamento antissocial. O anonimato permitido pela Internet encoraja os agressores, já que eles se sentem protegidos das consequências de seus atos. Judith Donath, professora da MIT (Massachusetts Institute of Technology - Instituto de Tecnologia de Massachusetts), que

estuda mídias e redes sociais, disse à CNN que as interações online mudam facilmente as percepções das pessoas do que é ou não aceitável. Isso também pode contribuir para uma sensação de que os outros jogadores ou participantes não são seres humanos reais [fonte: CNN.com].

Muito do material no cyberbullying somente menciona crianças e adolescentes, mas não se limita a eles. Existem relatórios que mencionam professores como vítimas, com alguns sendo forçados a desistir de lecionar devido a aborrecimentos constantes. Alguns garotos utilizam a tecnologia como uma forma de se rebelar e de insultar autoridades. Muitos dos jogadores online que se envolvem e sofrem com o cyberbullying são adultos.

O cyberbullying pode ser particularmente traumatizante, pois significa que a casa não é mais um lugar seguro. Um telefone celular, um videogame ou uma rede social é apenas outra forma de perturbação. Felizmente, existem algumas maneiras de resolver o problema do cyberbullying.

A maioria dos jogos, sites, facebook, entre outros, oferece sistemas para lidar com usuários encraveiros. Alguns são integrados no programa e controlados pelo usuário, como no caso de sites de rede social, que permitem que você bloqueie certos usuários, impedindo-os de interagirem com você. Muitas empresas oferecem um processo formal de denúncia, através do qual os usuários podem ser advertidos, suspensos ou expulsos.

Educadores e campanhas, como a stopcyberbullying.org, afirmam que as crianças deveriam aprender sobre o impacto dessa forma de violência. As crianças devem ter meios para falar sobre o problema, os possíveis agressores precisam saber que as consequências existem, enquanto os pais devem conversar com os filhos sobre o uso responsável da tecnologia e sobre como agir corretamente na Internet.

Alguns casos de cyberbullying se estenderam a discussões reais e, até mesmo, a relatos de suicídio. Além da investigação belga sobre o estupro virtual no "Second Life", a lei esteve envolvida em casos de cyberbullying. A polícia do Japão prendeu um homem por roubos virtuais frequentes no jogo "Lineage II". Essa prisão provavelmente ocorreu porque os bens virtuais roubados foram depois vendidos por dinheiro real.

Alguns analistas defendem o uso do número de dunbar para evitar que o cyberbullying ocorra. O número de dunbar diz que os grupos sociais com mais de 150 pessoas se quebram porque as pessoas não conseguem se manter conectadas a outras no grupo. A limitação do tamanho dos grupos online, assim como a diminuição dos mundos dos jogos, das cidades virtuais ou de outros grupos pode fazer com que as pessoas se sintam mais interligadas. Esse

senso de comunidade, na verdade, criaria um senso de responsabilidade e de tratamento justo a outras pessoas.

150 é o número de Dunbar, representando o número "máximo" de humanos com os quais uma pessoa pode se relacionar de verdade, conhecer e etc, não apenas adicionar no orkut.

Robin Dunbar chegou nesse número correlacionando o tamanho do neocórtex nos primatas e os seus grupos sociais, e generalizando para o ser humano.

Qualquer que seja a precisão do número, é bem concebível que evoluímos originalmente para conviver em grupos bem menores. Quais seriam as conseqüências de se viver então em sociedades superpopulosas onde a maioria das pessoas não se conhecem?

Talvez nem sejam tão ruins, afinal, pode-se argumentar bem embasadamente que os humanos progrediram em civilidade bem rapidamente desde a origem das cidades e etc. Mas ainda é possível se perguntar se não podemos manter isso, e melhorar, se de alguma forma proporcionássemos menores concentrações populacionais.

Ou será que, apesar dessa limitação, apenas eventualmente formamos essas ~150 relações, sem que isso tenha qualquer impacto muito prejudicial às pessoas que estão fora desse grande círculo? (Que talvez possam ser meio "desumanizadas" por serem desconhecidas). Imagino talvez possa até ser meio ao contrário... como aquele princípio matemático de que quase todo ator "está ligado" ao Kevin Bacon por no máximo sete outros atores, e parece que o próprio orkut tinha qualquer coisa a ver com essa idéia. Talvez isso de certa forma expanda artificialmente esse número, não desumanizando as outras pessoas.

Por outro lado, há quem argumente que esse tipo de fator leva a necessidade do estado e de outros tipos de organizações como forma de contornar isso:

Muitos jogadores e alguns desenvolvedores de jogos são favoráveis à adoção de uma espécie de declaração dos direitos do avatar para estabelecer regras que possam controlar as perturbações e outras formas de cyberbullying.

Outra proposta impõe a adoção de uma declaração dos direitos do avatar - essencialmente, uma lista de direitos para as pessoas online. Existem algumas discussões sobre o que tal documento deveria conter e como ele seria imposto. Até agora, muitos membros de jogos e de comunidades de desenvolvimento exigiram uma declaração dos direitos do avatar sólida e fortemente imposta.

Um problema em acabar com os cyberbullies é que alguns mundos dos jogos ou redes sociais são simplesmente gigantescos e a quantidade de reclamações, imensa. O "Second Life", com mais de seis milhões de jogadores cadastrados, geralmente é citado pela sua falta

de regulamentos, especialmente porque permite que seus jogadores ganhem dinheiro virtual que pode ser trocado por dólares americanos de verdade [fonte: Washington Post].

O próprio "Second Life" conta com um mundo virtual inteiro, em que os "cidadãos" podem ganhar dinheiro real como se fizessem negócios, interagir e viver como se estivessem no mundo real, o tempo todo a uma aparência realista de seus avatares. Empresas como a IBM abriram lojas e escritórios no "Second Life". Vários países têm embaixadas no "Second Life".

Talvez como a mais importante fusão dos mundos real e virtual, o "Second Life" também é um lugar em que abusos, agressões e outros crimes se tornaram muito frequentes. O fundador do "Second Life" disse que espera que os jogadores criem, futuramente, seu próprio código legal e sistema de justiça, que possam ajudar a resolver alguns problemas de agressão e perturbação do "Second Life". Por enquanto, alguns aspectos do "Second Life" e de outros jogos online, como jogos de azar e, em alguns países, descrições virtuais de sexo com menores de idade, continuam sendo controlados por leis reais e sofrendo punições reais.

4.1 O FENÔMENO CYBERBULLYING

O ciberespaço configura-se como um lócus da extrema complexidade e heterogeneidade, estabelecendo-se, em seu interior, as mais diversas e variadas formas de interação, tanto entre seres humanos quanto entre seres humanos e máquinas. Portanto, o ciberespaço, num contexto de globalização, pode ser visto como a possibilidade de acesso virtual a informações mundiais; o ser humano indo e vindo pelo mundo sem sair do lugar. É uma dimensão da sociedade em rede, em que os fluxos definem novas formas de relações sociais.

Ao contrário da do ciberespaço, a violência escolar não é algo novo, e, infelizmente, a cada momento histórico, assume novos contornos. Ademais, a violência se manifesta em todos os espaços sociais tradicionais (família, escola, igreja, política, etc.) e emergentes, como é o caso da sociedade virtual promovida pelas novas tecnologias.

A sociedade virtual como utopia de uma comunidade livre está sendo cada vez mais objeto de controle, não por razões éticas, mas, sim, por razões econômicas, diante das novas necessidades introduzidas pelas mudanças tecnológicas operadas pelas novas tecnologias, impondo à sociedade uma adaptação ao seu novo estilo de vida. Cada vez mais, grupos poderosos controlam o espaço da rede, operando uma nova divisão na sociedade capitalista

contemporânea. Assim, as novas tecnologias legitimam uma nova forma de exclusão, controlando o acesso às informações de acordo com o poder econômico, não garantindo a totalidade para todos e todas, oferecendo produtos culturais de acordo com a faixa financeira do cliente.

Dessa maneira, ao reproduzir a mesma lógica do capital no ciberespaço, a internet, ao mesmo tempo em que pode disponibilizar um volume fantástico de informações na rede, o qual podemos acessar de qualquer lugar e a qualquer momento, também pode controlar o acesso e determinar alguns padrões culturais destinados ao puro consumo.

Aí se encontra o perigo, pois a padronização cultural do mundo virtual aprisiona o indivíduo de maneira caricata e estereotipada, fazendo-o perder a capacidade reflexiva, contribuindo para propagar crimes cibernéticos atentatórios aos Direitos Humanos e Fundamentais, como o racismo, o neonazismo, a intolerância religiosa, a prostituição infantil, a homofobia e a apologia e incitação a crimes contra a vida, que têm afetado principalmente os jovens internautas brasileiros.

Neste atual contexto social, marcado por novas manifestações de violência simbólica na rede é que surge o fenômeno do cyberbullying, através do qual muitos usuários se aproveitam da falsa sensação de anonimato para praticar agressões ou intimidação por intermédio de mensagens veiculadas nos meios digitais.

Dessa maneira, o cyberbullying é um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que são adotados por um ou mais educandos contra outros colegas via blogs, you tube, facebook, entre outros tipos de sites, além de mensageiros instantâneos e mensagens de texto escritas no telefone celular.

Segundo Shaheen Shariff, investigador do Projeto Internacional de Cyberbullying, da Universidade McGill, no Canadá, o cyberbullying é uma tendência global, pois a sensação de anonimato tem produzido um significado especial nos meios digitais, onde o código cultural defende que as pessoas evitem o confronto direto.

Para o Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o bullying escolar (Cameobes), o uso da tecnologia propicia uma forma de ataque perversa que extrapola muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis.

Especialistas afirmam, em unanimidade, que a prática de cyberbullying deve ser denunciada às autoridades. Assim como acontece com os crimes de calúnia e difamação realizados via meios virtuais, as vítimas devem dar queixas em delegacias tradicionais ou, se preferirem, nas especializadas, como a delegação de Crimes Particados por meios Eletrônicos (Departamento de Investigação sobre Crime Organizado).

5. METODOLOGIA

5.1 O TRABALHO DE PESQUISA NA ESCOLA-LABORATÓRIO

Não existem soluções simples para se combater o *bullying*. Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-lo. A escola deve agir precocemente contra o fenômeno *bullying*. Quanto mais cedo o *bullying* cessar, melhores serão os resultados para todos os educandos. Intervir imediatamente, tão logo seja identificado a existência de *cyberbullying* na escola, e manter atenção permanente sobre isso é estratégia ideal. A única maneira de se combater o *bullying* é através da cooperação de todos os envolvidos: gestores, educadores, educandos, funcionários da escola e família.

A presente pesquisa utilizou como estratégia um Programa de Redução do *bullying* na escola. Inicialmente, fizemos a escolha da instituição que seria o lócus de nosso trabalho e, passamos a desenvolver algumas etapas com o objetivo de implantação de um programa anti-*bullying*. A seleção recaiu sobre a Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz, haja vista, a referida escola registrar alguns casos tipicamente caracterizados como *cyberbullying* e que certamente nos chamou a atenção para a pesquisa e o estudo relacionado aos casos.

Na busca de analisar as questões relacionadas à interação pessoal e o *bullying* na escola, optamos por uma abordagem descritiva que utilizou dados qualitativos aliados a uma análise quantitativa.

A pesquisa qualitativa envolveu a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto.

Para a realização da pesquisa, inicialmente partimos de observações e contato direto com a escola pesquisada, onde se formalizou a situação-problema e análise da realidade escolar. A etapa seguinte consistiu na fundamentação teórica, na intenção de aprender e aprofundar aspectos inerentes ao objeto de estudo. O estudo teórico e aplicação do instrumento de pesquisa, coleta e análise dos dados ocorreram de forma processual.

Para esta pesquisa se trabalhou com uma amostragem de educadores e educandos. Os dados da pesquisa foram coletados através da aplicação de questionários. O questionário foi composto por 09(nove) questões aos educadores e 13(treze) questões aos educandos.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cel. Jacob Guilherme Frantz ocupa um quarteirão, com Rua Principal sito a Padre Joaquim Cirilo de Sá, 95. A escola possui área territorial de 8.158,69 m², assim distribuídos: área construção existente 2.154,51 m², área construída ampliada 211,72 m², área construída ampliada reforma 108,49 m², área da construção quadra esportiva 600,00 m². A estrutura física da escola é de boa qualidade, contando com 16 (dezesesseis) salas de aula, cada uma com área de 48 m², com quadros em fórmica (branco) e para giz. Conta ainda com: auditório, ladeado por canteiros (jardim), Secretaria, banheiros (masculino e feminino) para educadores e educandos, Almoxarifado, Arquivo morto, Diretoria, Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências Exatas e da Natureza, Laboratório Interativo de Matemática, Laboratório de Robótica, Biblioteca, Quadra Esportiva, Sala de Reuniões, Sala do Grêmio Estudantil, Sala de Jogos, Sala de Exposição de Trabalhos/Projetos, 04 (quatro) salas para EPA (Estudo, planejamento e acompanhamento), Cozinha com depósito de panelas e material de limpeza, uma dispensa e espaço para refeitório.

A escola possui uma estrutura das mais modernas na região, motivo pelo qual polariza os principais eventos pedagógicos e culturais. A escola desenvolve um trabalho de parcerias com entidades civis e organizadas da comunidade local, sempre se mostrando aberta aos movimentos sociais e culturais.

O espaço da quadra esportiva, por exemplo, é utilizado por associações comunitárias e organizações civis que em regime de colaboração contribuem com a preservação do patrimônio local, ao mesmo tempo em que, trabalham conjuntamente a linguagem corporal dos praticantes das diversas modalidades de esportes.

A escola trabalha conforme uma proposta pedagógica inovadora e deixa de ser burocraticamente cumpridora de normas. Partimos na busca de uma nova identidade, um novo dinamismo, um novo compromisso, uma escola próxima e a serviço dos alunos, dos pais e da comunidade escolar.

Com a implantação do Programa de Ensino Médio Inovador, no ano letivo de 2012, buscamos adotar componentes inovadores, ao mesmo tempo em que, reconhecemos a importância de uma nova organização curricular, que possibilite construir as bases de sustentação da nossa escola na modalidade ensino médio, a partir da inter-relação existente

entre os eixos constituintes dessa modalidade de ensino: o Trabalho, a Ciência, a Tecnologia e a Cultura.

NÍVEIS DE ENSINO MINISTRADO NA ESCOLA

Ensino Médio Inovador (ProEMI) e Educação de Jovens e Adultos (EJA)

NÚMERO DE ALUNOS POR NÍVEIS DE ENSINO

TABELA 1. NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS POR NÍVEIS DE ENSINO (2013)

NÍVEIS DE ENSINO	NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS
Ensino Médio Inovador (ProEMI)	360
Ensino de Educação de Jovens e Adultos	133
TOTAL	493

CONTEXTO DA ESCOLA

A E.E.E.F.M. Cel. Jacob Guilherme Frantz, atualmente oferece o Ensino Médio Inovador (ProEMI), 1º ao 3º Ano e Educação de Jovens e Adultos (2º segmento do Ensino Médio, 1º ao 3º Ano). Na matrícula referente ao ano letivo de 2012, observa-se que o maior percentual de alunos matriculados (60%) provém da zona rural deste município, bem como de municípios circunvizinhos.

A escola possui uma estrutura física de boa qualidade, obedecendo aos critérios de avaliação de funcionamento no que concerne a parte física.

Dentre as ações desenvolvidas pela escola, uma delas merece destaque, pois vem reforçar a nossa preocupação no tocante a violência no contexto escolar: a escola vem desenvolvendo desde o ano de 2011 um trabalho sistematizado relacionado a (in)disciplina na escola, através da implantação do Programa Anti-bullying.

A pesquisa de campo realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Coronel Jacob Guilherme Frantz constou das seguintes etapas: No primeiro momento foi aplicado um questionário de pesquisa com a participação por amostragem de educandos das turmas do 1º ano, 2º e 3º ano do ensino médio, perfazendo um total de 120 (cento e vinte) educandos consultados. Nesta etapa foi apresentado pelo professor-parceiro um texto informativo,

instantes antes da aplicação das quesitações, com o intuito de situar o contexto da pesquisa e o melhor aproveitamento dos resultados para os quais os educandos expressariam suas opiniões. Feita a coleta dos questionários se partiu para a organização e sistematização dos dados através de tabelas e gráficos.

A interpretação e inferências realizadas a partir dos dados coletados mostrou que a maioria dos educadores, nos primeiros contatos, se declararam apenas conhecedores de relatos sobre o fenômeno bullying, porém sem nenhuma fundamentação teórica acerca da temática. A pesquisa motivou de certa forma os educadores a estudar com mais profundidade sobre o fenômeno bullying, pois o mesmo se constituía em um problema identificado na escola e, com isso, núcleos de estudos começaram a surgir a partir dos planejamentos de áreas que acontecem na escola. No tocante a pesquisa realizada com os educandos, os resultados não foram diferentes, pois a maioria deles assumiu não conhecer profundamente a temática e, mesmo sendo alvos ou agressores não conseguia mensurar as consequências da prática do bullying escolar.

O primeiro momento da pesquisa foi muito importante, pois, se buscou a realidade da escola com relação ao *bullying*. A partir de textos introdutórios acerca da questão situamos os educadores e educandos na situação-problema e, com isso, ficamos a vontade para adentrar no campo do questionamento, onde foi proposto um questionário (adaptado) utilizado pela instituição inglesa (KIDSCAPE) especializada em bullying. E os educandos responderam com muita responsabilidade todas as questões o que contribuiu muito para a análise.

Foram entrevistados 15(quinze) educadores, 03 (três) gestores e 120(cento e vinte) educandos. Os educadores responderam a 09(nove) quesitos. Na questão relacionada as ações observadas na sala de aula os professores destacaram que as mais comuns na relação entre os educandos são: colocar apelidos, agredir, chutar, empurrar, intimidar, ofender, humilhar e amedrontar. Quando perguntamos se os educadores faziam algum estudo sobre o tema na escola, todos foram unânimes em dizer que não. Dos educadores entrevistados nenhum deles já leu algum livro acerca do tema e tem pouca familiaridade com o mesmo; alguns até declararam estar conhecendo o tema através da entrevista e outros relataram já ter assistido reportagens e lido casos isolado que se referem ao conteúdo. Os educadores mencionaram que o fenômeno do bullying meche muito com o psicológico dos educandos a constitui um fator do fracasso escolar. Alguns associam a pouca participação nas aulas e a retração de alguns como consequências do *bullying* que ocorre na escola.

Ao questionarmos de quem é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo na escola, a maioria dos educadores declarou que a gestão em parte é culpada pela falta de normas mais rígidas e punições mais eficazes. Veja o que relatou a professora A:

“No contexto atual, os nossos alunos não respeitam as regras e normas estabelecidas pelo Regimento Interno da Escola e, os gestores agem de maneira muito branda, a base de diálogo que muitas das vezes vicia os alunos que não respeitam os combinados didáticos que firmamos em sala de aula, em especial o uso desenfreado dos aparelhos de celular que tem sido o grande culpado pelo volume de inquietações dentro e fora da sala de aula.”

Professora A da E.E.E.M. Cel. Jacob Guilherme Frantz

A família foi colocada como sendo a segunda instância que contribui para que o cyberbullying aconteça. Os educadores reforçaram a falta de participação dos pais na educação escolar dos seus filhos e o não acompanhamento contribui para que esses jovens fiquem mais libertos. A professora B, ao ser entrevistada sobre a questão relacionada a participação da família no enfrentamento a violência escolar, declarou:

“A família está em derrocada, ou seja, os valores morais estão arruinando a cada dia e os pais não têm mais controle sobre os seus filhos. Já começa a falta de valores na própria casa em que, pais não respeitam os filhos e vice-versa. Cria-se uma relação muito individualista e competitiva que reflete no ambiente escolar. Ficamos parados diante certos pais que chegam a dizer que não sabem mais o que fazer com os filhos. A escola passou a ter mais uma função a de educar para os valores morais e humanos.”

Professora B da E.E.E.M. Cel. Jacob Guilherme Frantz

Entrevistamos 120(cento e vinte) educandos das três turmas de ensino médio, dos quais 80(oitenta) do gênero feminino e 40(quarenta) do masculino. No tocante a questão que foi substancial para a pesquisa contactamos que 80% (oitenta por cento) dos entrevistados já sofreram algum tipo de bullying e na amostragem 30% (trinta por cento) dos educandos relataram já ter sido intimidados ou agredidos através aparelhos eletrônicos. Isso demonstra claramente que o fenômeno bullying vem acontecendo na escola, sem que nenhuma providência seja tomada. Quando interrogamos sobre o lugar onde mais acontecem as ações

do bullying, as respostas foram divididas entre: indo e vindo da escola (5%), ou seja, no transporte escolar, no pátio da escola (15%), na sala de aula (40%), no laboratório de informática (20%) e em outro local (20%).

Na questão referente ao que o aluno vítima do cyberbullying pensa sobre quem pratica a intimidação (50%) dos educandos declararam não gostar do agente do cyberbullying. Questionamos a opinião dos alunos para apontarem de quem é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo na escola e as respostas foram as seguintes: (66%) a culpa é de quem agride, (19%), a culpa é dos pais deles, (8%) a culpa está na direção da escola e (1,7%) a culpa está nos professores.

Um dado bastante curioso e observado na entrevista foi quando perguntamos se o aluno já intimidou, agrediu ou assediou alguém? A resposta apontou (64%) sim, contra (36%) não, e a partir daí concluímos que, a grande maioria dos educandos sofre e, ao mesmo tempo, praticam o *bullying* escolar. Quem mais pratica o cyberbullying são os meninos (76%) das ações são praticadas por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi investigar o quanto a violência no contexto escolar mascarada na maioria das vezes por “brincadeiras” pode trazer sérias consequências para o ambiente escolar, afetando não só o rendimento dos nossos educandos, mas contribuindo para se tornarem adultos violentos. Por ser um tema polêmico e bastante complexo, inicialmente nos deparamos com uma enorme dificuldade que foi a falta de conhecimento por parte dos nossos educadores e até mesmo dos educandos, pais e comunidade escolar como um todo. Partindo do pressuposto de que o mundo atual se transforma muito rápido e profundamente; e que precisamos acompanhar os avanços, resolvemos, portanto, chamar a atenção dos nossos educadores a desenvolver um trabalho voltado a questões globais e daí entendermos as mudanças pelas quais o mundo vem passando e até que ponto a nossa escola é afetada.

Conscientes da realidade que atravessa a nossa escola, de imediato assumimos a existência do fenômeno *bullying* nas relações dos nossos educandos e, preocupados com a mais recente onda de violência escolar através dos meios de comunicação e recursos tecnológicos, iniciamos uma investigação para entendermos até que ponto o uso indevido de redes sociais ou mesmo, os celulares pode gerar violência no âmbito escolar. O envolvimento da comunidade escolar na coleta de informações através dos questionários foi muito importante para podermos traçar o perfil dos nossos jovens no tocante ao fenômeno cyberbullying.

O presente trabalho não se constitui de uma solução para o problema apresentado, mas aponta estratégias que podem viabilizar novas pesquisas e maior aprofundamento da questão.

REFERÊNCIAS

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying – impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles.** Rio de Janeiro, Beste Seller, 2010.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Gente, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas e educar.** 2 ed. Campinas, SP: Versus, 2005.

PEREIRA, Sônia Maria de Sousa. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar.** São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa Silva. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.

ANEXOS

EEEFM CEL. JACOB GUILHERME FRANTZ
 RUA: PE. JOAQUIM CIRILO DE SÁ, 95.
 SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE - PARAÍBA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA- EDUCADORES

01. Como você define Cyberbullying?

02. Na sua prática pedagógica qual(is) das ações listadas no quadro abaixo está presente em sua sala de aula?

Colocar apelidos	Humilhar	Intimidar	Dominar
Ofender	Fazer sofrer	Perseguir	Agredir
Zoar	Discriminar	Assediar	Chutar
Gozar	Excluir	Aterrorizar	Empurrar
Encarar	Isolar	Amedrontar	Ferir
Sacanear	Ignorar	Tiranizar	Roubar

03. Você já faz algum estudo sobre o fenômeno cyberbullying na sua escola ? _____

04. Você já leu algum livro acerca desse tema? _____

05. Como você se familiarizou com o tema? _____

06. Na sua opinião, quais são as consequências da intimidação, agressão ou assédio sofrido pelos educandos na sua escola ?

07. O que você pensa sobre quem pratica intimidação, agressão ou assédio na escola?

08. Na sua escola já foi registrado alguma ocorrência que apresente características de cyberbullying?

09. Na sua concepção o que deve ser feito para minimizar os comportamentos tidos como agressivos, intimidatórios e discriminatórios entre educandos?

EEEFM CEL. JACOB GUILHERME FRANTZ
 RUA: PE. JOAQUIM CIRILO DE SÁ, 95.
 SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE - PARAÍBA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - EDUCANDOS

- 01.** Você já sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?
 sim não
- 02.** Que idade você tinha quando isso aconteceu?
 Menos de cinco anos De 11 a 14 anos
 De 5 a 11 anos Mais de 14 anos
- 03.** Quando foi a última vez que você sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?
 Hoje Nos últimos 6 meses
 Nos últimos 30 dias Há um ano ou mais
- 04.** Quantas vezes você já sofreu intimidação, agressão ou assédio?
 Uma vez Quase todos os dias
 Diversas vezes Várias vezes por dia
- 05.** Onde isso aconteceu?
 Indo ou vindo da escola Na sala de aula
 No pátio da escola No laboratório de informática
 Os banheiros da escola Em outro local
- 06.** Como você se sentiu quando isso aconteceu?
 Não me incomodou Me senti mal
 Senti-me assustado Não queria mais ir pra escola
 Fiquei com medo
- 07.** Quais foram às consequências da intimidação, agressão ou assédio sofrido por você?
 Não teve consequências Consequências terríveis
 Algumas consequências ruins Fez você mudar de escola
- 08.** O que você pensa sobre quem pratica intimidação, agressão ou assédio na escola?
 Não penso nada Não gosto deles
 Tenho pena deles Gosto deles
- 09.** Em sua opinião de quem é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo?
 De quem agride Da direção da escola
 Dos pais deles De quem é agredido
 Dos professores
 Dos outros alunos que só assistem e não fazem nada
- 10.** Por favor, marque se você é:
 Masculino Feminino
- 11.** Que tipo de intimidação, agressão ou assédio você sofreu?
 Físico Sexual

Verbal

Racista

Emocional

12. O que poderá ser feito para resolver esse problema?

13. Você já intimidou, agrediu ou assediou alguém?

Sim

Não

FOTOGRAFIAS



Foto 1



Foto2

Fotos 1 e 2 Entrada Principal da Escola



Foto 3



Foto 4

Fotos 3 e 4 Canteiros – jardim



Foto 4

Auditório



Foto 5

Ala de entrada principal



Foto 6



Foto 7

Foto 6 e 7. Laboratório de Informática



Foto 8



Foto 9

Fotos 8 e 9. Laboratório de Ciências Exatas e da Natureza



Foto 10



Foto 11

Foto 10 e 11. Biblioteca



Foto 12



Foto 13

Foto 12 e 13. Quadra de Esportes